

TRANSFORMAÇÃO E PERMANÊNCIA DO ESPAÇO, FORMAS DE OCUPAÇÃO E SOCIABILIDADES EM UM TRECHO DA RUA 24 DE MAIO, PORTO ALEGRE/RS¹

Luciana de Mello²
Ana Luiza Carvalho da Rocha (orientação)

“Concretamente, vivenciamos o presente, com suas belezas, seus transtornos e as oportunidades que os lugares nos dão. O futuro é algo pelo qual uma cidade pode ser trabalhada: concepções de melhoria pelas quais se constroem e se destroem estruturas estéticas expressivas de cada época – edificações, ruas, avenidas, viadutos e túneis. (...) Esses espaços são depositários de uma memória da cidade. Uma memória que abarca um tempo muito maior que a existência pessoal porque conhece, por alguma perspectiva, a história dos lugares.”
(Patrícia Rodolpho)

Na cidade de Porto Alegre, quem faz o trajeto centro-imediações, por morar, trabalhar, fazer compras, estudar ou utilizar os serviços desta região, talvez já tenha tomado como atalho um trecho da rua 24 de Maio, cujos degraus ligam os bairros Cidade Baixa e Centro. É a *escadaria da 24*, localizada entre as ruas Duque de Caxias, na parte alta do centro da cidade, e a rua Desembargador André da Rocha, na parte baixa adjacente, ao sul.

Neste lugar os degraus substituíram o asfalto, em virtude da inclinação do terreno, permitindo somente o transitar de pedestres, sem nenhum acesso de veículos. Todas as construções são antigas, porém de épocas diferentes, a mais recente com aproximadamente 30 anos.

¹ Este trabalho foi concebido inicialmente na disciplina de Seminário Livre em Antropologia Visual, do curso de Grauação em Ciências Sociais, IFCH/UFRGS. Participaram, portanto das primeiras incursões em campo os colegas André Henrique Vicari, Fabiel Bigosi e Fernanda Rechenberg.

¹ Bolsista FAPERGS no projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais: a criação de um museu virtual - coordenação Prof^ª. Dr^ª. Ana Luiza Carvalho da Rocha, dentro do projeto “Estudo de Itinerários Urbanos, Memória Coletiva e Formas de Sociabilidade no Mundo Urbano Contemporâneo” - coordenação geral Prof^ª. Dr^ª. Cornelia Eckert, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

Para o geógrafo Milton Santos *o espaço está sempre presente, abarcando simultaneamente vários elementos temporais*, inclusive - e principalmente - os do passado, de distintos momentos; e “cada lugar é dotado de certa autonomia, diferenciada de acordo com seu exterior”³.

Ao subir ou descer pela *escadaria*, observa-se uma configuração diferente da paisagem em relação a outros espaços de áreas circunvizinhas ao local. Tem-se a impressão que está se adentrando, e não simplesmente acessando uma rua qualquer. As áreas edificadas coincidem com as áreas dos lotes, um ao lado do outro, causando a sensação de estar passando por um túnel, pois a *escadaria* acaba sendo cercada pelas paredes de concreto dos prédios, quase todos edifícios com mais de um andar, em um trecho onde só passam pedestres.



Luciana de Mello



Fernanda Rechenberg

Assentados sobre o antigo parcelamento de solo de Porto Alegre, com lotes estreitos e profundos, os edifícios residenciais não possuem recuos laterais ou frontais, conseqüentemente nem salão de festas e praçinhas. Isso tanto aproxima mais a casa da rua, como possibilita a *escadaria* ser espaço de sociabilidade entre vizinhos e/ou passantes.

Nas cidades brasileiras, segundo o antropólogo Roberto Damatta⁴, os espaços casa e rua interagem e se complementam cotidianamente através da movimentação de seus habitantes. No caso aqui etnografado, a ambiência da *escadaria* sugere um tempo em que as sociabilidades se davam mais em espaços públicos do que privados, diferente da época atual das grandes cidades, onde os edifícios residenciais, mais modernos, localizados nos bairros mais afastados do centro, possuem espaços destinados ao lazer basicamente entre os moradores locais.

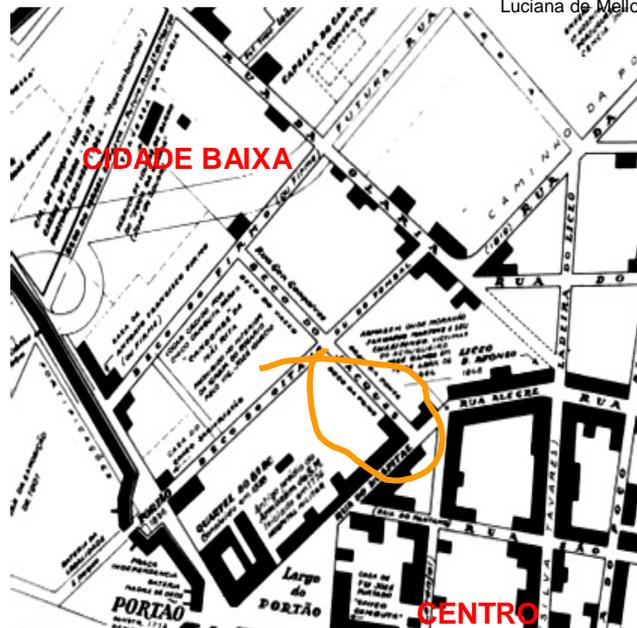
³ LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Uma história dos movimentos*. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura(org.) *Brasil: território e sociedade no século XXI*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p.434.

⁴ DAMATTA, Roberto . *A Casa e a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 23.

Em artigo que compara as cidades moderna e tradicional, a arquiteta Célia Gonsales⁵ mostra como estes espaços planejados tendem a reduzir a interação entre vizinhos e passantes, podendo servir “somente como elemento de privacidade, afastando o habitante da rua e a rua do habitante”. Para esta autora, é evidente que a “forma” do espaço não determina as relações sociais, mas com certeza “influi na qualidade das interações humanas tendo, portanto, um importante valor sócio-cultural ligado ao contato físico com a rua, com o lugar do coletivo”⁶.



Luciana de Mello



A *escadaria* possui um fluxo de pedestres que a utiliza nos deslocamentos cujo itinerário compreende o centro da cidade e a região de entorno, principalmente os bairros Cidade Baixa, Bom Fim ou Santana, localizados ao sul - “atrás” - da parte alta do centro de Porto Alegre.

Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Os bairros adjacentes, Santana e Cidade Baixa, são basicamente residenciais, e historicamente habitados por parte da população que trabalha no centro. Estes dois bairros ainda são conhecidos por terem sido, e no caso da Cidade Baixa, cada vez mais ser, zona de boemia. Sua localização próxima ao centro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no caminho para casa, acaba tornando-o uma tentação como opção de lazer após um dia de trabalho.

Para os habitantes do centro e arredores, alguns lugares em especial são escolhidos para transitar, tanto durante os trajetos de deslocamento para trabalho, escola, compras ou serviços, como para os momentos mais descontraídos como passear

⁵ GONSALES, Célia Helena Castro. *Cidade moderna sobre cidade tradicional: conflitos e potencialidades*, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/bases/texto146.asp>.

⁶ GONSALES, Célia Helena Castro. *Cidade moderna sobre cidade tradicional: conflitos e potencialidades*, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/bases/texto146.asp>.

com o cachorro, visitar um amigo ou um vizinho, ou simplesmente caminhar pelas redondezas.

A *escadaria* é um destes lugares – para os momentos de lazer e as atividades rotineiras. Caracterizada pela tranquilidade local e configuração estética das construções, evoca uma outra época das cidades, quando as relações primárias, de proximidade e de “contato face a face entre os indivíduos”, predominavam sobre as relações secundárias, de impessoalidade que, segundo Robert Ezra Park⁷, sociólogo urbano da Escola de Chicago, é característica das grandes cidades.

Ao mesmo tempo possibilidade e resultado da ação humana, a paisagem constitui-se tanto de elementos naturais como dos usos que sobre ela os homens exercem, através das relações entre si ou com os elementos que a constituem. As formas da paisagem, não correspondem, portanto, a uma idéia de finalização, mas a uma idéia de transformação. Mais ainda, estão, necessariamente impregnadas de conteúdo existencial, são formas de identidade e de memória⁸.



Fernanda Rechenberg

Atualmente a ocorre uma significativa alteração no espaço da *escadaria*. É a reforma em andamento - remodelação dos degraus e corrimão, e conseqüentemente estrutura e estética. Tal obra se insere no projeto Revitalização do Centro, da Prefeitura Municipal e, conforme observações colhidas em campo, tanto não agrada aos moradores que alegam estar descaracterizando o lugar, como agrada aqueles que esperam soluções do poder público em relação à segurança.

Faz-se necessário, então, saber até que ponto e quais são os aspectos que contribuem, tanto para a preservação de um antigo *ethos* da cidade neste lugar, como para as transformações nas formas de ocupar e suas sociabilidades decorrentes.

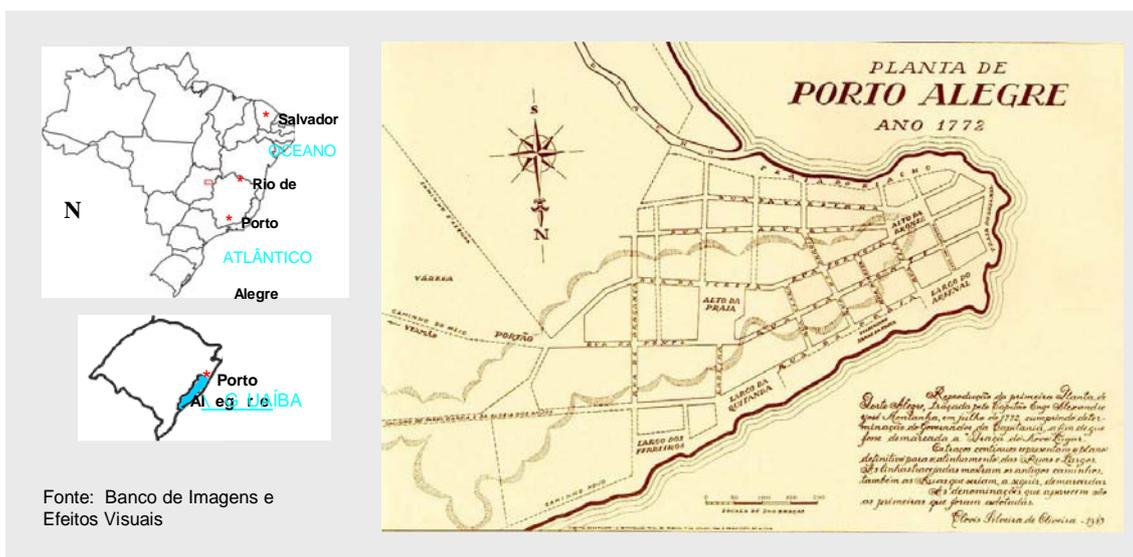
Como a população da *escadaria* – moradores e passantes – vive este lugar, através dos diferentes usos que ali exercem, e como este lugar se relaciona com Porto

⁷ PARK, Robert Ezra, *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO Otávio Guilherme(org.). *O fenômeno urbano*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 46. Para este autor, um dos pioneiros no estudo dos fenômenos urbanos no início do século XX, a complexidade da divisão social do trabalho, acaba gerando uma solidariedade social *fundada não sobre sentimentos e hábitos, mas sobre uma comunidade de interesses*.

⁸ SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*, São Paulo: Ed.Hucitec, 1986, p.39

Alegre, seja pela ambiência que evoca, seja pelas práticas exercidas por seus habitantes na cidade?

Assim, para dar conta de algumas questões que este lugar sugere, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica na escadaria, através de etnografia de rua⁹ e observação participante. O uso de diários de campo e de recursos áudio e visuais para as observações, foram determinantes, no sentido de buscar apreender a paisagem da escadaria e as dinâmicas exercidas pelos indivíduos nela inseridos. Portanto, a análise comparativa entre os diários de campo e os relatos de antigos cronistas de Porto Alegre, bem como acervos de imagens antigas e recentes, e o registro sonoro durante as incursões em campo, permitem a possibilidade de reconstituir, através do espaço *escadaria*, algumas diferentes camadas de tempo pelas quais a cidade passou.

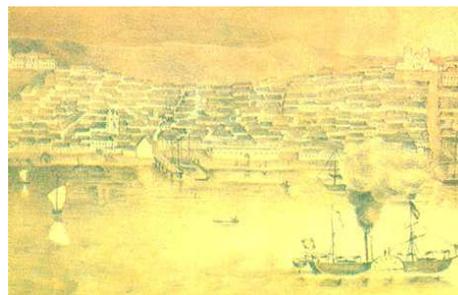


Uma rua com degraus

Em virtude de Porto Alegre situar-se numa península intracontinental, de elevações junto às margens do Guaíba, o crescimento de seu núcleo central urbano ocorreu radialmente, a partir, basicamente, de uma zona da cidade – a zona da península, ou como alguns costumam dizer, do centro que não é centro. Esta região foi responsável pela ligação, via ancoradouro, com outros municípios e estados, desde o antigo trapiche ao atual cais. A porta principal para o crescimento inicial de Porto

⁹ ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2003. 23f.

Alegre era então é o Guaíba, assim como o Oceano Atlântico foi para o Rio de Janeiro e Salvador¹⁰.



Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Há dezenas de metros das margens do Guaíba, o terreno começa a elevar-se, chegando até a “parte alta” do centro da cidade. Já na fundação de Porto Alegre encontravam-se aqui os setores administrativo, religioso, algumas escolas, e residências das famílias de mais posses – vide os casarios da Independência, ou as casas assobradadas da Rua Duque de Caxias.

Adjacente à parte alta da cidade, ao sul, ocupando os terrenos da baixada úmida próxima ao Arroio Dilúvio e ao Guaíba, encontra-se a Cidade Baixa. Localizada na antiga Várzea, foi ocupada inicialmente, em grande parte, pela população que trabalhava nas residências, comércio e instituições, localizados na zona central – imediações do Guaíba, no centro, e parte alta. Mais ao sul ainda, localizava-se as chácaras, caminhos e estradas de acesso ao interior do município. Sérgio da Costa Franco apresenta interessante estatística predial de Porto Alegre para fins do século XIX, onde as ruas localizadas no Bairro Cidade Baixa e Santana, ou não apresentam ou é inexpressivo o número de sobrados e assobradados.¹¹



Banco de Imagens e Efeitos Visuais

O cronista Riopardense de Macedo conta que, por volta de 1780, a rua 24 de Maio surge como atalho o Beco da Fonte, pois ligava a parte alta da cidade com uma das fontes, localizada próximo à Várzea¹². Aos poucos, com a ocupação e ampliação do município, aumentam o número de residências e prestação de serviços, densificando a

¹⁰ É como se o Guaíba, nas cartografias de Porto Alegre, representasse o mar. O que comumente, nas cidades brasileiras desenvolvidas às margens do Oceano Atlântico, seria a Leste – a água, para Porto Alegre é a Oeste – o Guaíba. Também a noção de interior das terras emersas, afastando-se da costa litorânea, quanto mais em direção a oeste como, por exemplo, Rio de Janeiro e Salvador, é aqui “inversa” em relação a outras capitais - para Leste. Consequentemente por isso a orientação dos pontos cardeais, para os antigos mapas onde aparece o Guaíba junto a Porto Alegre, procurou comportar a fração de terras a oeste e o mar a leste, presente até nos primeiros mapas elaborados sobre as terras brasileiras junto ao Atlântico, com o Norte indicado para o inferior da carta.

¹¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2000, p.65.



Da esquerda para a direita: 1) Avenida João Pessoa próximo a rua Desembargador André da Rocha; 2) vista geral da Avenida João Pessoa; 3) entroncamento das ruas Sarmiento Leite João Pessoa e André da Rocha - encontro dos bairros Cidade Baixa e Bom Fim. Fonte: Banco de Imagens e Efeitos Visuais

zona central - ruas e quadras. Para Coruja, outro antigo cronista portoalegrense, o Beco da Fonte, *estrito e ladeirento*, localiza-se entre a Rua da Igreja e o Beco do Firme¹³, hoje respectivamente Duque de Caxias e Avahi.

Com pouquíssimas casas, instalam-se no Beco da Fonte, alguns dos membros da Família Jacques, o escrivão e o solicitador dos feitos da Fazenda, entre outros familiares. Logo a referência desses moradores acabou por dar origem a outra denominação para esta passagem – Beco do Jacques.

Mais tarde, a rua 24 de Maio recebe oficialmente o nome de Rua Bento Gonçalves, mas que se sabe, conforme Coruja, continuou a ser chamada, popularmente, de Beco do Jacques e até Beco da Fonte¹⁴, mesmo após o advento da rede hidráulica na cidade, já que o abastecimento de água era o equipamento mais importante no século XIX, segundo o historiador Riopardense de Macedo¹⁵.

Na virada do século XIX para o XX, esta rua apresentava somente uma casa assobradada, todo o mais eram sobrados. Vale destacar que a casa assobradada,



1) Vista do centro de Porto Alegre, tomada da Parte Alta; 2) Vista da Parte Alta tomada próximo ao Guaíba. Fonte: Banco de Imagens e Efeitos Visuais

¹²MACEDO, Francisco Riopardense. *História de Porto Alegre*. 3.ed. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999, p. 34.

¹³ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, 1806-1889. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Organização e notas de Sérgio da Costa Franco. 2.ed. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996, p.146.

¹⁴ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, op.cit., p.143.

¹⁵ MACEDO, Francisco Riopardense, op.cit., p. 33.

construída acima do porão, *longe da terra e da umidade, era sinal de maior prosperidade burguesa e índice de status*, e eram encontradas em quantidade significativa nas ruas Independência, Duque de Caxias e Riachuelo, em fins do século XIX¹⁶.

Hoje, dividem a Rua 24 de Maio, construções de diferentes épocas, antigas e novas, alguns sobrados e casas, prédios, em sua maioria, antigos ou não tão novos. A presença de postes de luz de estilos diferentes é indicativo de diferentes intervenções naquele espaço por parte da administração municipal no histórico de suas administrações. A fiação de luz, telefone e tv a cabo impressionam devido à quantidade de fios emaranhados entre si. A construção mais recente é uma obra da Prefeitura, ainda em execução: a reformulação do trecho da rua compreendido entre a antiga rua do Arvoredo e o Beco do Oitavo, atuais Duque de Caxias e Desembargador André da Rocha, respectivamente.

A *Escadaria* da rua 24 de Maio segue com sendo um dos locais preferenciais de passagem para parte da população que necessita deslocar-se nos sentidos bairro-centro/centro-bairro, já que, diferente de grandes cidades brasileiras, como São Paulo, Porto Alegre tem seu centro histórico em ativo funcionamento até hoje.¹⁷

A configuração das edificações dos prédios da *Escadaria*, conforme o antigo parcelamento dos terrenos, sobre lotes estreitos e profundos, resultou em prédios de interiores labirínticos, com corredores estreitos e longos; e a falta de recuos e espaços sociais nestes prédios, faz com que grande parte dos moradores utilizem a rua como espaço de sociabilidade. Estas são características de quase todos os prédios da *Escadaria*, que acabam tornando mais próxima a casa da rua, possibilitando a interação entre vizinhança



Banco de Imagens e Efeitos Visuais



Luciana de Mello



Fernanda Rechenberg

¹⁶ FRANCO, Sérgio da Costa. op.cit., p.63-69.

¹⁷ Geralmente, não só nas cidades brasileiras, a tendência dos centros históricos é transferir seus setores administrativos e de serviços para regiões adjacentes, com funcionalidades direcionadas por planejadores municipais para atender as demandas das populações localizadas nos bairros – são os chamados centros regionais.

ou passantes.

Representante das novas idéias em planejamento urbano, Célia Gonsales aponta os problemas das atuais edificações típicas dos bairros, em que a tendência dos espaços planejados de sociabilidade, pensados para exercerem *o papel de unificador e de intermediário entre o público e o privado (...) na prática não é o que acontece*, pois estes espaços *acabam transformando-se em lugares neutros*¹⁸.

Em se tratando de cidades brasileiras, segundo Damatta¹⁹, é na rua que buscamos compensar – e complementar – o universo de casa, pois a rua é o espaço destinado às aventuras e aos conflitos, que em nosso espaço privado – a casa - não devem ocorrer, sendo este destinado a abrigar harmonia e tradição.

Quem é da escadaria?

Seu Luís

Sentado sobre a calça das obras na calçada, com uma voz arranhada Seu Luís conduz a conversa, iniciada ali, para até o interior de seu apartamento. Nesta ocasião, o cachorro da casa em frente ao seu prédio latia incessantemente, perturbando o passeio diário de seus gatos e dificultando também a conversa que se estabelecia.



Fernanda Rechenberg



Luciana de Mello

Até aquele momento moravam com ele no apartamento: sua atual esposa, mais moça, natural de São Leopoldo, e o filho, técnico em televisores. Logo após mostrar a sala de trabalho de seu filho, Seu Luís sai em direção aos fundos, passando por um mini-labirinto de corredores e outras peças do apartamento, dá ração aos gatos e mostra o “seu cantinho”. Um minúsculo quintal, cheio de folhagens amontoando-se umas às outras, cercadas pelas paredes de concreto, janelas e telhados circunvizinhos, nos remete

¹⁸ GONSALES, Célia Helena Castro. Op.cit.

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/bases/texto146.asp>

¹⁹ DAMATTA, Roberto., op. cit., p.24 e 27.

a um verdadeiro estado de *imensidão interior*, ao qual nos fala Gaston Bachelard, filósofo poético da fenomenologia, em sua obra *A poética do Espaço*.

Outro filósofo, Simmel, comenta sobre os estados da alma, que também são lugares, um *espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos*²⁰, onde, para Bachelard, *colocam o sonhador fora do mundo próximo*. E semelhante ao *canto* de Bachelard, esses lugares, esses estados da alma, dão acesso a outros mundos sem haver deslocamento físico. São as *paisagens interiores*²¹ de Simmel, possivelmente visitadas por Seu Luis através do quintal.



Fernanda Rechenberg

Após ter orgulhosamente mostrado quase toda sua residência – ou melhor, o que escolheu mostrar, Seu Luís senta-se no sofá da sala, um tanto ofegante, com uma certa dificuldade no falar - consequência do cigarro, que desde moleque fumava. Recentemente parou de fumar, apesar



Banco de Imagens e Efeitos Visuais

de já lhe ter feito “um grande estrago”, o que considera ser tarde demais para querer minimizar os efeitos. O admirador dos felinos narra com riqueza de detalhes, as estratégias e técnicas usadas pelos seus dois gatos em suas brincadeiras.

O modo de ser e os cantos da casa que escolheu mostrar sugerem à percepção os valores que dava aos momentos íntimos, à reflexão. A sala de conserto dos televisores pode ser tanto um modo de mostrar os espaços da casa e também sua família. O quintal como o lugar mais afastado da rua, provável armário de lembranças para Seu Luís é o refúgio que permite segurança durante seus pensamentos²².

²⁰ BACHELARD, Gaston. 1884-1962. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.145 e 189.

²¹ SIMMEL, Georg. *A filosofia da paisagem*. <http://www.geocities.com/ptreview/12-maldonado.html>

²² BACHELARD, Gaston. op.cit. p.146 e 151.

Dona Marlete

A primeira conversa realizada com Dona Marlete - enquanto os rapazes do caminhão do gás tocavam os interfones dos prédios - não tardaria a passar, da calçada, para o interior de sua casa. Em minutos ela já estava na sala, puxando e arrastando cadeiras, cercada de documentos e toda a papelada da Associação dos Moradores da 24 de Maio, na qual é presidente em sua atual gestão. Espalhando fotos, jornais e papéis diversos sobre a mesa, Dona Marlete descreveu as várias transformações ocorridas na *escadaria*, até os dias mais recentes – as intervenções:

Olha, as pessoas nem se dão conta o que envolve de técnica, de pessoal especializado, uma coisa dessa. Parece uma rua pequenininha, a 24 até ali embaixo, mas é um “senhor” dum trabalho, né!

Inicialmente, em meados de 1997, os “primeiros elementos de risco” foram retirados – o paredão, as praças e os canteiros – que abrigavam tanto moradores de rua, como assaltantes, que ali se escondiam “para assaltar ou dividir produtos roubados” na região. A coleta de lixo dos edifícios também foi organizada, para não acumular à beira da calçada e assim, não despertar a atenção de mendigos. Segundo D. Marlete:

Chega um momento que perde o sentido das coisas. É uma pena, né, porque aí o que acontecia: os marginais ficavam ali embaixo, naquele escuro; tu chegava, tu era uma presa fácil, né. Tem estudantes, tem o pessoal da Santa Casa.

A *escadaria* passou por um “período crítico” de assaltos, por volta de 1997, e para que o lugar não perdesse a tranquilidade e segurança, foi criada a Associação de Moradores. O local estava se tornando inacessível para os próprios moradores, ocorrendo inclusive tiroteio por causa de uma suposta disputa do ponto de venda de drogas. Em virtude de tal situação, iniciaram algumas mudanças na *escadaria*, culminando com a atual reforma.



Fernanda Rechenberg



Banco de Imagens
e Efeitos Visuais

Uma das coisas que mais me chama atenção é o seguinte: toda pessoa que mais reclama é aquele que nunca participa (...) deveria ter ido, porque aí teria a oportunidade de ter saído bem melhor. A gente fez o que pode junto com aqueles que participaram, que na verdade não foram poucos os que contribuíram, bastante gente participou.

Com o dinheiro arrecadado – um real por apartamento – a Associação organiza festas para integração dos moradores. Ali mesmo, na escadaria, já foram realizadas várias festas abertas à comunidade – jogos da Copa do Mundo com telão, festa Junina com bandeirinhas na rua, comemorações da Semana da Pátria. Dona Marlete mostra-se empolgada, mais para as comemorações do que para as atividades burocráticas da Associação.

O dinheiro da Associação é coisa bonita de ver. Muito bem gastinho aquele dinheiro que é pra não faltar na hora que a gente precisa. (...) Porque eu sou muito festeira, eu gosto de festa de congregar. (...) são datas assim que hoje, nem as escolas, pra mim parecem que não fazem muito, de despertar aquela coisa de nacionalidade Até veio o pessoal de reportagem, a comunidade veio, um trabalho bonito.

Numa ocasião, D. Marlete transformou sua casa na cozinha de um carreteiro de charque na rua, vendido à comunidade do centro. Lamenta que este ano, em função da reforma, foi feita somente uma atividade. Tendo como tema o Meio Ambiente, esta atividade envolveu apresentações artísticas inclusive de moradores, como uma senhora que é poetisa, além das crianças, filhos dos moradores da “24”.

Uma das inconveniências que eu acho nesta rua é exatamente que as casas ficam muito escuras, muito úmido (...) Vindo da Duque pra cá é uma baixada né, embaixo dum perau.

Sua família manda muitas coisas - móveis e tralhas em geral, para a sua casa, que, aliás, mais parece apartamento, semelhante com o do Seu Luís, porém menos labiríntica, de grande profundidade, e mais úmida. Moram nesta parte da casa Dona

Marlete e sua mãe; sua irmã mora no andar superior da casa, construído posteriormente. A família toda descarrega tudo o que não quer aqui (...) ‘-Tá, deixa aí nos fundos até a gente achar um caminhão pra levar.’ (...) Imagina se seu tenho um sítio aqui dentro de Porto Alegre, o que é que eles não faziam, né!



Fernanda Rechenberg

Da sala, Dona Marlete conduz a conversa para seu quintal, mostrando com orgulho as árvores frutíferas de médio e grande porte, como uma goiabeira, uma bananeira e principalmente um abacateiro, mencionados ainda quando a conversa estabelecia-se à frente de sua casa. Falando bem baixinho, quase coixando, Dona Marlete conta que esta árvore teve um galho cortado, pois invadia o pátio ao lado, e por isso há 15 dias ela não visitava os fundos - “para não sofrer

Tal como nos comentários de G. Bachelard²³ sobre a dimensão onírica guardadas nos pequenos espaços, como o caso do canto como um lugar de refúgio, de encontro consigo mesmo; ou nas observações de Simmel sobre a metáfora da porta como passagem para outros lugares, a Rua 24 de Maio e

suas escadarias, aparece constantemente na fala dos habitantes locais como espaço que une a intimidade de suas vidas ao mundo exterior da rua, numa escala ainda dimuta da vida numa grande cidade como Porto Alegre²⁴.

o morro São José... lá pro lado da São José (...) mas eu fiquei impressionada, porque aí eu parei no topo da rua, onde tinha uma tal casa lá pra vender: assim, ó, as pessoas subiam assim, ó, carregando água, né. Deus o livre que eu vou ficar num lugar desses! Não tem condições!

Vinda do interior do Estado, de São Borja, com 20 anos, D. Marlete conta dos lugares que já morou em Porto Alegre. Uma vez foi ver uma casa para comprar numa ladeira no Partenon, sem infraestrutura alguma. Recentemente Dona Marlete reviu esta rua, já então calçada, e se impressiona com a implantação e esgoto e calçamento: “bonita, bonita!”. Desabafa que é assim mesmo, que os moradores têm que insistir, porque as ações demoram a ser realizada pelos governos. Segundo ela, depois de morar no bairro Partenon, próximo à rua Salvador França, mudou-se algumas vezes, quando a partir de então, sempre morou na região mais central da cidade, próximo à Santana e depois, na São Manuel.



Banco de Imagens e Efeitos Visuais



Fernanda Rechenbergg

²³ BACHELARD, Gaston. Op.cit., p. 145.

²⁴ SIMMEL, Georg. *A ponte e a Porta*. <http://www.geocities.com/ptreview/12-maldonado.html>

Dona Vanda

Entre os moradores com que conversei, quem mais aparentou sofrer com as recentes transformações na *escadaria*, por causa da reforma, foi Dona Vanda. Quando a encontrei pela primeira vez, respirava ofegante subindo os últimos degraus, já quase chegando na esquina com a rua Duque de Caxias.

Horível. Muita escada. Agora mesmo com essa coisa que fizeram, aumentaram as escadas. Tinha menos, porque era um jardinzinho ali, pouca coisa. (...) E vai aumentar mais, que até chegar lá embaixo. (...) Tem os prédios, né, nós não temos elevadores aqui, os mais baixos é esses aqui, ó.

Apesar disso, da idade avançada, e dos latidos de um cachorro – o mesmo que irritava Seu Luís – Dona Vanda fala muito. Chama os vizinhos que passam para conversar sobre a rua ou dividir os comentários a respeito da escadaria, principalmente em relação aos aspectos negativos:

Das onze em diante, até a uma, isso aqui é horrível. Atiram essas madeira, pulam nas madeira, já levaram a metade. (...) Fora um cacchorro que, agora tá quieto Até meia-noite o cachorro não cala. (...) Dá vontade dar um lexotan inteiro, dois, pra ele.

Dona Vanda reclama dos barulhos na escadaria. Além de reclamar da cachorrada, conta dos ruídos e barulhos inoportunos da “escadaria da 24 de maio” como aquele costumeiro de um *gari* (varredor de rua), cujo trajeto escolhido para chegar até a rua André da Rocha é este trecho da “24”. Segundo D. Vanda, então indignada, apesar de estremecer os edifícios com o tonel de latão, reverberando sobre as rodas durante a descida, a *gari* não varre o local, e acrescenta que após as 21 horas, o barulho aumenta principalmente por causa da depredação e da bagunça que a *gurizada* faz, inclusive com o material da obra.

Tem muita gente que passa que não é daqui, a gente conhece porque mora pra lá. Eu, por exemplo, tenho amigo, tenho filhos pra lá. (...) tem os fumante, os maloqueiro. Esses bar aí, quando ferve, ferve mesmo, né!

Conta que havia um vigia da rua, pago pelos moradores, e que hoje não tem ninguém em seu lugar.



Fernanda Rechenberg



Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Ah, esses dias assaltaram ali. Eles assaltam e deixam os documentos ali. (...) E eles assaltam bem por ali assim, naquela parte assim, vão correndo assim, mas correm que é uma coisa. E tiram as carteiras e deixam os documentos tudo (..) Esses tempos teve um grupo de brigadianos, ali no meia oito. Tu não viu o buchicho?

Moradora há 27 anos no lugar, D. Vanda aponta a casa que morou durante 20 anos e que deseja comprar, na esquina das ruas 24 de Maio e Duque de Caxias. Abandonada e com a venda suspensa por questões de herança, a casa foi lacrada pela Associação, por abrigar um grande número de moradores de rua que invadiu o local, há alguns anos atrás. Com a reforma esta casa passou a ser utilizada como depósito de materiais e ferramentas utilizados na obra.



Luciana de Mello

Antigamente tiraram onze daqui de dentro. Mas tem um que sobe ali. Tá ali o paninho dele. Ele é doente, mas ele não faz mal não. Ele é muito bom, preciso carregar uma mala ele carrega.

Observa os vestígios de um morador da casa antiga, o Salvação, que presta pequenos serviços a vizinhança local.

Dona Vanda mostra-se sempre chamando a atenção de quem passar, cumprimentando, puxando conversa ou perguntando se queriam “dar uma opinião sobre a rua”. Lembra dos problemas de saúde que alguns moradores têm, e que aumenta as dificuldades do deslocamento - ela sofre de depressão e pressão alta.



Liane Matos



Luciana de Mello

Luís

Ao reclamar do cheiro da maconha, Luís traz uma constante situação de tensão entre moradores e frequentadores - passante, consumidores e possíveis traficantes da escadaria. O cheiro dos cães do vizinho que invade seu apartamento, até é minimizado. Segundo S. Luís

Ah, o lugar aqui é muito bom pra se morar (...) Só que de vez em quando inunda todo apartamento aqui com o cheiro de maconha. O consumo de drogas aqui na escadaria é muito grande.

Luís, juntamente com Cristina, sua companheira, forma um jovem casal com média de trinta anos de idade e moram no centro da escadaria, num edifício em frente ao orelhão. Há algum tempo atrás se localizava ali, a praçinha central, quando a escadaria possuía área com brinquedos para recreação das crianças, e inclusive gramados.

Sete horas da manhã a gurizada das escolas aqui de perto, né, se sentam aqui na frente fumando maconha, bebendo álcool, naquela árvore ali (...) até mesmo porque a obra é lá pra cima. Então eles têm usado bastante aqui, sempre usaram e agora...

(...) Eu já tenho uma certa idade, então me surpreende, eu não via na minha época de guri, as gurias, né. Hoje elas se reúnem em quatro, cinco aqui, sem nenhum guri junto. Elas abrem e fecham os baseados delas, com a maior naturalidade. Como é que é: a conquista social da mulher.

Durante o trabalho de campo, o primeiro contato foi feito com Cristina, porém durante a visita ao apartamento do casal, praticamente todo o tempo da entrevista é Luís quem fala. De vez em quando vai até a sacada da frente, que, segundo ele, é de onde se tem uma visão de toda a extensão da escadaria. Em frente ao seu prédio está o prédio da Lelé, que é também o mesmo do Horácio e dos fundos de seu apartamento, pela sacada da área de serviço, avista-se o imponente abacateiro no quintal de Dona Marlete.

Morava no Morro da Embratel! Então é mais ou menos isso aí (...) Minha mãe mora lá e os meus irmãos, alguns irmãos (...) Eu digo: - Pô, desço do morro lá da Glória pra vir subir no do Centro aqui.

Trajetória semelhante, à de Dona Marlete, Luís também morou em lugar de topografia acentuada, assim que veio para Porto Alegre, antes de morar na 24 de Maio. Também é natural do interior, de São Luís Gonzaga, mas se considera portoalegrense, está aqui desde os cinco anos de idade.



Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Lelé

Lelé é outra moradora da Rua 24 de Maio. Ela é natural de Porto Alegre, e morou com seus pais na Ponta Grossa, antigo arrabalde, com casas um tanto distante umas das outras.

Está satisfeita da troca de endereço. Não tem medo de chegar tarde da noite, porque agora, depois das mudanças – a retirada dos canteiros, da marquise, dos moradores de rua – o lugar melhorou para transitar.



Fernanda Rechenberg

Eu morei embaixo ali, na André da Rocha, era meio perigosa, tinha uma galera que dormia ali, tinha uma energia ruim. (...) Eu até subo agora de noite, na madrugada. Porque tem o bar ali, de noite até a uma, e tem um cachorro-quente lá embaixo até umas quatro.

Sentia medo, no início, logo quando veio para a *escadaria*, era dos corredos do prédio. Durante as conversas com Lelé, ela demonstrava estar bem empolgada com o lugar.

Eu também vejo um pouco essa parte energética. Limparam toda a escadaria. No verão tinha muita barata na escadaria (...) E deu um ataque em todo mundo que tudo que era prédio resolveu mexer (..) Então tudo era obra. Um monte de barata saiu. Deu uma limpada energética na história.

E constata que a *escadaria*

é uma viagem, porque a escadaria é *tri* família, sabe. É um monte de gente bem mais velha. O cara que conserta televisões morou aqui neste prédio (...) Todo mundo meio que se conhece, por isso que é uma associação é forte de moradores.

Referindo-se à nova configuração na largura da escadaria, pois a área de passagem estreitou, e a área restante terá acesso interrompido. Sente que o lugar agora com os canos está parecendo uma jaula. Quando comento que o estilo e o material são parecidos com os corredores de ônibus, ela conta que é o mesmo arquiteto, responsável por várias obras da cidade, inclusive da 3ª Perimetral, e que a cidade está com uma identidade *de um arquiteto só*.



Liane Matos

Tô pensando em combinar uma cerveja ali em cima, no bar, só com quem tá mais afim dessa história, de ficar olhando a escadaria e pensando o que se poderia se fazer, de repente uma proposta mesmo de paisagismo.

Lembra ainda que, quando ainda morava na rua André da Rocha, presenciou uma manifestação dos moradores da “24” por causa do asfalto colocado em substituição aos canteiros da escadaria. No outro dia o muro amanheceu pichado:

“Prefeito, vá asfaltar o pátio da sua casa!”. Aí não deu outra: em uma semana estavam arrancando todo o asfalto e plantando grama!

Lelé mostra a vista da janela do seu apartamento, e as vantagens em morar no meio de uma quadra, em apartamento de fundos, principalmente quando não existe rua atrás, pois ali não existe o problema da falta de insolação dos apartamentos de frente para a rua. Cansa de ficar em casa, se arrumando com a janela aberta.



Fernanda Rechenberg

Esse é muito ‘apartamento’ (...) mas olha só, quem mora aqui do lado é o síndico. Uma vez deu um bolo, um casal brigando, e ele não foi lá porque tem medo, imagina se meter em briga, coitado, ele só olha pra essa parede aqui do lado.

A organização de seu prédio, não tem zelador fixo, nem síndico; são os moradores que assumem algumas funções. Seu vizinho, por exemplo, é responsável pela função de síndico.

Tem a tal da Santa. Ai, a santa eu quase morri quando bateu na porta uma senhora! Eu nunca tinha visto, eu sou da capital, isso pra mim é coisa do interior. (...) Onde é que nós vamos enfiar uma santa aqui. Eu imaginei uma coisa deste tamanho. Aí veio assim, uma capelinha assim, com uma foto duma santinha. E aí ficu aí, 24 horas. Aí ela já disse ‘Tu tem que depois levar pro outro, e pro outro e pro outro’ E essa santa roda. Eu levei pra alguém aqui desse prédio. É uma santa que tem que rezar uma coisas. É uma coisinha assim que tu abre uma janelinha (...) E foi legal assim, foi uma coisa de uma senhora, tem vários senhores. Viáj...

Lelé não conhecia esta tradição - seus pais não são “nada católicos”. E também nem sabe qual o nome da santa, só diz que é “a” santa, mas que na verdade, para ela é tudo igual. Acha muito engraçado, e suspeita que a santa seja uma proteção do prédio.

Horácio

É bem provável que um dos “tipos variados” que habitam a escadaria, conforme o morador Luís, seja o Horácio. Desde a primeira vez chamou a atenção na maneira de se portar e se dirigir às pessoas, varrendo a escadaria e dançando com a vassoura enquanto cantava e gritava uma frase aos passantes.

Nos primeiros contatos, Horácio quis ser identificado pelo codinome “Comédia’. Após tangenciar sua vida através da vida de sua irmã, nos leva para o interior do apartamento de seu pai, sua casa em Porto Alegre. Traz do quarto alguns objetos-reíquias, lembranças de pessoas que conheceu em suas andanças por São Paulo, e das situações que passou. Conforme vai contando sua vida, vai ilustrando-a com um álbum de recortes de jornais e revistas e os originais de seu livro.

O livro de que nos fala, “Zé Contente”, foi lançado na Feira do Livro de 2003, durante sessão de autógrafos junto a escritores famosos. O personagem central da história por ele narrada faz remeter a sua própria trajetória pessoal. Ela fala da mudança de um habitante de uma cidade como Porto Alegre, de menor porte, menos complexa, para uma metrópole como São Paulo. Para Horácio foram os descaminhos encontrados nas grandes cidades que os conduziram em sua trajetória de agitos noturnos, consumo das drogas e, finalmente, prisão.

Falando sobre suas amizades que fez ao longo de sua vida e aquelas que construiu na rua 24 de maio, Horácio lembra os comentários de Louis Wirth²⁵, sobre as redes de solidariedade os moradores das grandes metrópoles constroem entre si, conforme os grupos de interesses semelhantes, para conseguirem obter uma vida satisfatória diante do anonimato e da competição que caracteriza um grande centro urbano.



Fernanda Rechenberg

²⁵ WIRTH, Louis. Op.cit., p.110.

é importante e necessário ter um círculo de amigos e conhecidos - quanto maior, melhor – isso acaba facilitando as coisas pra ti sempre de alguma forma, quando tu tiver dificuldade em alguma coisa.

Isto em Porto Alegre, pois, nos termos de Horário, durante o tempo que esteve em São Paulo fez muitas “loucuragens, coisa séria mesmo”, e por causa disso, segundo ele, acabou preso em um dos complexos do Carandiru. Após alguns anos fora, voltou e foi morar com o pai, ali na 24 de Maio, no início deste ano.

Durante as conversas informais nas escadarias, podia-se observar que uma preocupação constante de Horário com a opinião de seu pai sobre ele, sobre seu estilo de vida, sua forma de ganhar dinheiro. E lamenta que não tem uma compreensão, por parte do pai, de que está, ao invés de “vagabundear, batalhando muito”. Por essa razão procura ajudar no que pode – limpar a casa, por exemplo. Quando “Comédia” fica muito agitado conta que “só a casa não basta para extravasar”. E é nessas ocasiões é que vai varrer a escadaria.

Das vezes que encontrei com ele para conversar, sempre me conta das várias situações por qual já passou em diferentes momentos, inclusive antes de ir para São Paulo, quando era estudante e já ensaiava sua trajetória tumultuada. Aliado a isso, os seus guardados, objetos e lembranças, falam sobre o “grande museu de coisas insignificantes”²⁶ que nos comovemos através de nossas lembranças mais profundas. Ou seja, segundo G.

Bachelard²⁷ são as milhares de pequenas situações que geram infinitos pequenos pensamentos, e que com o passar do tempo vão sendo acumuladas, guardados, para serem lembrados durante nossos momentos mais íntimos. Nestes sentido, o relato das idas e vindas de Horário nas “escadarias”, assim como as diferentes experiências por que passou, fazem lembrar da canção “Toque de recolher”²⁸:



Luciana de Mello

²⁶ BACHELARD, Gaston. Op.cit., p.150.

²⁷ Op.cit.

²⁸ “Troca de banda, troca de estilo, tudo que tinha quer substituir. Alguém tem que sentir, toque de reunir, simplesmente (...) Vai a um encontro, tenta um contato (...) Alguém tem que entender, toque de recolher, simplesmente.” Tatit, Luiz; Ozzetti, Ná. *Toque de Recolher*. In Ozzetti, Ná. *Estopim*. São Paulo: Ná Records/Estúdio Eldorado, 1999.

Comentando a *escadaria* à luz de alguns autores

Sobre a possibilidade de realizar uma incursão etnográfica num lugar que, à primeira vista, fosse utilizado como passagem para uma formação inicial com a pesquisa antropológica em área urbana, a Rua 24 de Maio, através das estórias de seus informantes, proporcionou muitas revelações.

Durante o trabalho de campo nas escadarias os comentários de G. Bachelard²⁹ a respeito “das impressões de intimidade, que mesmo sendo fugidias ou imaginárias”, têm uma raiz mais humana me vinham recorrentes. Foi a busca do cruzamento das imagens dos moradores da *Escadaria*, entre si e sua paisagem, que percebi, finalmente, que seus diferentes olhares sobre as escadarias – o quintal, os cachorros, o barulho, a escada, a declividade – me conduziram, através de uma “psicologia direta”, as impressões de intimidade deste lugar³⁰.

“morara por alguns anos (na rua 24 de Maio) o capitão José Cesario de Abreu, cuja primeira mulher, Dona Isabel, era tão devota, que tinha missa em casa todos os domingos, celebrada por um menino” (Antônio Álvares Pereira Coruja,

Na rua 24 de Maio, o processo afetivo e exclusivamente humano – a intencionalidade e a necessidade de delimitar a paisagem, sistema material, e o espaço, que é um sistema de valores³¹ - é observado no quintal por ser o espaço preferido de Dona Marlete e Seu Luís. Nos termos bachelardianos tem-se aí uma ilustração para a dialética do interior e do exterior - e que, em primeiro lugar nos dá segurança para viajarmos em pensamentos, ao mesmo tempo em que nele, nos refugiamos. Desta forma, segundo este autor, “o canto é a casa do ser”³², assim como o recanto do quintal para Dona Marlete.



Fernanda Rechenberg

Considero aqui que os informantes de minha incursão etnográfica às “escadarias da 24 de Maio” são personagens que representam costumes, tradições, sentimentos e atitudes que herdaram de uma comunidade urbana, e que se cruzam no tempo e no

²⁹ BACHELARD, Op. cit.

³⁰ Idem, p.145.

³¹ SANTOS, Milton. Op.cit.. p.83.

³² BACHELARD, Gaston. Op.cit., p.146-147.

espaço local na memória da cidade, transformando-a, por isto mesmo, num “produto da natureza humana”³³.

Neste sentido, foram os conceitos de *comunidade* e *cidade*, cunhados por E. Park e L. Wirth, nos seus estudos já citados sobre cultura urbana no âmbito da Escola de Chicago, os que permitiram ao trabalho de campo avançar, trazendo



Fernanda Rechenberg

a luz à densidade das relações que os moradores das escadarias tem com este espaço da cidade de Porto Alegre. Tratava-se, desde aí, de se tecer uma fina teia entre o conceito de *cidade*, empregado para se pensar as trajetórias sociais dos moradores da Rua 24 de Maio como parte da complexidade das suas trocas sociais numa grande metrópole, caso de Porto Alegre, e conceito de numa *comunidade*, aplicado aqui para compreender a escala diminuta dos laços de vizinhança entre eles³⁴, fruto *das relações simbióticas* ali existentes³⁵.

É importante ressaltar os diferentes regimes de ocupação na escadaria da Rua 24 de maio, desde os diversos dias da semana, e até, num mesmo dia, segundo os turnos e horários. Ainda que algumas atividades possam estar sobrepostas, ou simultâneas, inclusive potencialmente conflituosas, geralmente poderiam ocorrer em diferentes horários, mas aqui não é o caso, como o hábito de fumar maconha e a ida ao trabalho, pode vir a ocorrer ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Neste aspecto, as tardes na escadaria são mais dispersas, no que diz respeito a eventos interditos pela moralidade das famílias que ali habitam, porém a partir do cair da noite circula por ali a boêmia, tanto freqüentadora da Cidade Baixa, situada ao final da “24”, ou pelo bar, localizado na esquina do trecho superior da *Escadaria*. Além disto, em geral durante as manhãs e tardes, transitam tanto trabalhadores como jovens em busca de uma pausa para um “baseado”, um “beck”, ou simplesmente um lugar para sentar e conversar. Nos dias “úteis” da semana reina uma menor agitação, pistas de que os freqüentadores da Escadaria sejam estudantes e trabalhadores do Centro e região, ou freqüentadores destes lugares. Nos finais da semana são as brincadeiras das crianças

³³ PARK, Op.cit., p.28.

³⁴ WIRTH, Louis. Op.cit., p.98-99.

aquelas que ganham maior liberdade, já que a tranquilidade predomina na Rua 24 de Maio.

É possível que um dos fatores responsáveis pela atmosfera de efervescência social apontada pelos moradores da Escadaria seja a convivência entre os ritmos de trabalho e de lazer, legal e ilegal, que remonta desde à época em que este trecho dava acesso à fonte de água, ao mesmo tempo que dava acesso para

“nos domingos à tarde africanos de diversas nações com seus ganzás, tambores e marimbas, formavam o denominado Candombe da Mãe Rita, para suavizar os labores da escravidão.” (Antônio Álvares Pereira Coruja, referindo-se à antiga várzea)

a zona de prostituição, localizada no Beco do Oitavo, nos trajetos para os trabalhadores do Centro, ou ainda para a boêmia chegar aos bairros Santana e Cidade Baixa.

Conforme observado em campo, o desconforto perante este clima de ambivalência moral desta região da área central da cidade de Porto Alegre, pode ser vivido diariamente por parte de alguns dos moradores nos termos desde uma indiferença até uma insatisfação em relação ao que se passa fora do espaço de suas casas. Este sentimento se mostrou de forma mais evidenciada no momento do relato a respeito das reformas pelas quais vem passando a “escadaria”, através da reforma em andamento – estrutural e estética, dos degraus, calçada e corrimão – que altera a feição arquitetônica responsável pelo nome e sentido desse lugar – a “escadaria”.

Vale ressaltar que estas reformas orientam-se conforme o Estatuto da Cidade, e tem por base o Projeto Revitalização do Centro, concebido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Seus artigos 36 e 37 apontam, para o caso do perfil deste lugar, para necessidade de um “estudo de impacto de vizinhança”, que deve estar de acordo com os usos comunitários e com os efeitos positivos e negativos do empreendimento.



Fernanda Rechenberg

Tal estatuto se encontra ancorado, entre outros, pela própria constituição brasileira de 1988, e leva em consideração princípios básicos como comodidade da população usuária e impacto de suas atividades tradicionais, bem como qualificação

³⁵ MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca(org.). *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Fapesp, 1996. p.24.

ambiental. Entretanto, os informantes, ao mencionarem a obra, demonstram insatisfação com relação à qualidade dos materiais utilizados, à estética da obra em relação a do lugar, a falta de praticidade em alguns trechos, à altura inadequada do corrimão, e ao excesso de estrutura metálica, que causa desconforto visual, e por isso, falsa segurança.

Em nosso universo de pesquisa na Rua 24 de Maio, situada no bairro Centro, de Porto Alegre, os primeiros contatos com os moradores e *habitués* locais foram feitos durante etnografia de rua, sendo que, na maioria das ocasiões, ocorreu rápida transição,

por parte dos entrevistados, do plano da rua para o interior de suas residências – casas ou apartamentos.

Uma situação que evoca as palavras de G. Simmel a respeito da “capacidade humana específica diante da natureza, promovendo cortes na continuidade infinita do espaço”. Tal foi o caso da porta das residências dos moradores, que conduziram o pesquisador, do universo da rua para o centro do universo dos seus informantes, as suas casas. Em certos casos, alguns informantes, provavelmente em razão da composição de sua rede social na região, e mesmo para fora dela, passando a contribuir na etnografia do pesquisador ao conduzi-lo para as histórias de outros moradores da “escadaria” e das regiões vizinhas. Estes foram os casos de Dona Marlete atuando junto a Associação de Moradores do Centro e Lelé, participante de associações ambientais de Porto Alegre tanto quanto Horácio com seus contatos literários.



Fernanda Rechenberg

Pensando as diferenças entre um encontro etnográfico na escadaria e outro em um bairro de altas camadas sociais, em Porto Alegre, poderia uma conversa com o pesquisador, iniciada na rua, ultrapassar com a mesma velocidade as fronteiras do portão central do prédio? Ou se restringiria a praçinha, ao jardim, em um banco, sob os olhos do porteiro em espaços coletivos internos do condomínio. No caso da Escadaria da rua 24 de Maio, a espacialidade viabiliza a troca social entre moradores, de diferentes prédios e da redondeza, e passantes rotineiros.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. 1884-1962. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CYMBALISTA, Renato. *Estudo de Impacto de Vizinhança*. <http://www.polis.org.br/publicacoes/dicas/181349.html>
- CORUJA, Antônio Álvares Pereira, 1806-1889. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Organização e notas de Sérgio da Costa Franco. 2.ed. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 15. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000.20f.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2000.
- GONSALES, Célia Helena Castro. *Cidade moderna sobre cidade tradicional: conflitos e potencialidades* <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto146.asp>
- LEITE, Maria Angela Faggini Pereira. *Uma história dos movimentos*. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura(org.) *Brasil: território e sociedade no século XXI*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MACEDO, Francisco Riopardense. *História de Porto Alegre*. 3.ed. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca(org.). *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Fapesp, 1996.
- MARASQUIN, Marilu. *Densidade e ocupação do solo*. <http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/spm2/13.htm>
- MATTA, Roberto da. *A Casa e a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Tecnologias audiovisuais na construção de narrativas etnográficas, um percurso de investigação*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 35. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- RODOLPHO, Patrícia (ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza - Orientação). *Encontrando imagens na e da Rua da Praia: problemas e descobertas de uma etnografia urbana*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 26. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. 1926- *O Brasil: território e sociedade no século XXI*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Ed.Hucitec, 1986
- SIMMEL, Georg. *A ponte e a Porta*. <http://www.geocities.com/ptreview/12-maldonado.html>
- SIMMEL, Georg. *A filosofia da paisagem*. <http://www.geocities.com/ptreview/12-maldonado.html>
- VELHO Gilberto. *Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- VELHO Otávio Guilherme(org.). *O fenômeno urbano*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.